



## COMPORTAMENTO NÃO CAUSA COMPORTAMENTO...<sup>1</sup>

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento  
Campinas - SP

Comportamento não causa comportamento é uma expressão própria do Behaviorismo Radical. Tal frase deixa claro que o analista de comportamento não adota o mentalismo, nem o modelo mecanicista para explicar comportamento. Decorre dela que *sentimento* não causa comportamento, *pensamento* não causa comportamento.

O modelo explicativo que o Behaviorismo Radical adota é o biológico darwiniano, qual seja, o comportamento é *selecionado* pelas conseqüências que produz. Portanto, um analista do comportamento deve se perguntar o que *seleciona* determinado comportamento e não o que *causa* um comportamento.

Pode-se, porém, propor a questão: comportamento pode ter *função* de estímulo? Pode. Assim, num encadeamento de respostas, cada elo da cadeia tem dupla função: estímulo reforçador condicionado para o elo anterior e estímulo discriminativo para o elo seguinte. Uma resposta – elo de um encadeamento – pode, portanto, assumir ambas as funções de estímulo. Veja o seguinte exemplo de encadeamento:

### Análise de Encadeamento de Respostas

#### Natureza (N) e Funções (F) dos Eventos Comportamentais em cada Elo

##### 1º elo (início arbitrário do encadeamento)

O telefone celular de Roger toca durante a reunião. Ele o desliga imediatamente.

**N:** evento ambiental público: som de celular.

evento comportamental operante público: desligar o celular.

**F:** som: S pré aversivo (no contexto da reunião)

desligar: resposta operante pública de fuga-esquiva: o som do celular em reunião produz, em geral, olhares e comentários de desaprovação (consequência social aversiva)

som: SD para o 2º elo: pelo tipo de som, Roger sabe que é chamado da Célia, sua namorada.

<sup>1</sup> Redigido em abril /2011 e revisto em fevereiro/2012.

## 2º elo

Roger, ao ouvir o som do celular que identifica quem o chama, lembra-se que havia combinado com Célia que ligaria para ela às nove horas. São 9h20. “Vou ligar imediatamente”, pensa.

**N:** eventos comportamentais operantes encobertos: lembrar (ou pensar) que havia combinado...

**F:** o enunciado verbal encoberto “Vou ligar para ela” é uma autoinstrução, que explicita o que Roger vai (ou pretende) fazer. “Vou ligar para ela” é pensamento evocado pelo SD som do celular. Tal pensamento, por sua vez, tem a função de SD para o 3º elo, devido às interações anteriores do narrador com a namorada (quando ela toca o celular, ele a chama em seguida e conversam amistosa e agradavelmente). A função de SD só poderá ser confirmada se ocorrer uma resposta e ela produzir reforço.

Os comportamentos de lembrar-se de que deveria ter ligado para Célia no horário combinado e pensar que deverá ligar para ela, tão logo seja possível, reforça o elo anterior. Mas qual elo anterior exatamente? O toque do telefone não é evento comportamental, logo não há como consequenciá-lo... O comportamento de ficar sob controle do toque do telefone. Se Roger o desdenhasse, ou não o “ouvisse” (não tivesse ficado sob controle do som do celular), o encadeamento não avançaria. Então, porque não se destacou o item “ficar sob controle do celular” como parte do primeiro elo? Porque a divisão de qualquer encadeamento em unidades é *arbitrária* e, como tal, a divisão atende aos critérios de quem o está analisando. No caso presente é simplesmente didática. No entanto, num contexto clínico a divisão deve satisfazer à necessidade de o terapeuta ter acesso a uma *visão funcional* das interações comportamentais sob análise. Assim sendo, uma divisão arbitrária que perca de vista a função do encadeamento é inútil ou pode confundir as conclusões terapêuticas.

## 3º elo

Roger pede licença, sai da reunião e, uma vez a sós, digita o número do celular da Célia.

**N:** eventos comportamentais operantes públicos: pedir licença, sair da reunião e digitar o celular (este último pode ser considerado operante privado<sup>2</sup> - não encoberto - , desde que Roger esteja sozinho).

**F:** a. o comportamento de ligar para a namorada produz um reforço positivo social *condicionado* (ou reforço generalizado) – ou seja, ouvir Célia –, o qual tem para Roger função gratificante (ele sente prazer em conversar com ela) e reforçadora (fortalece o comportamento de ligar e de se manter falando com ela). Com os dados disponíveis, agora pode-se afirmar que o 2º elo teve função de SD: sob controle dele ocorreu uma resposta que foi reforçada pela namorada.

b. pode-se dizer que o comportamento de ligar, por associação pavloviana com o reforço positivo social condicionado, adquire a função de reforço positivo condicionado. Assim, digitar o número da Célia tem função de reforço positivo

<sup>2</sup> Operante encoberto é aquele “debaixo da pele” (usando termo de Skinner) somente acessível àquele que o emite. Operante privado pode ser público, mas é emitido numa situação tal (dentro do quarto, no carro etc.) que somente está acessível àquele que se comporta, mas poderia, em alguns casos, se tornar público (através de observação não autorizada, por ex.).

condicionado do elo anterior, ou seja, o comportamento de se lembrar de telefonar foi fortalecido pelo que se seguiu: digitar e ouvir Célia.

(A *evidência empírica* da função reforçadora só ocorrerá se o comportamento de se lembrar de ligar no horário combinado antes de o celular tocar, ou de digitar tão logo o som do celular soar, realmente, se fortalecer, a qual só pode ser identificada se acontecerem novas ocorrências do comportamento em contexto análogo).

- c. Há outra possibilidade, porém. Assim: o comportamento de ligar pode ser alternativamente um comportamento de esquiva de um evento social aversivo, pois Célia provavelmente diria para Roger que ele não lhe dá atenção, que é um “tratante”, que só pensa em trabalhar etc., caso não telefonasse para ela. Nesta alternativa o comportamento de Roger é reforçado negativamente: fortalece-se o comportamento de ligar nos horários combinados e surgem sentimentos de alívio. Pode-se dizer que o comportamento de telefonar, no momento em que Célia atende ao chamado, adquire a mesma função que tem o desligamento da luz, num paradigma de esquiva sinalizada: indica que o comportamento de esquiva foi bem sucedido e o evento aversivo possível (reclamações da Célia) não ocorrerá. A função da resposta de ligar para Célia: comportamento de esquiva de uma provável bronca ou comportamento de aconchego, que produz acolhimento por parte dela, está definida pela história das contingências de reforçamento que têm pautado a interação entre ambos.
- d. o comportamento de ligar, além de produzir um reforço positivo condicionado, conforme exposto no item *a*, pode produzir outras consequências. Assim, por exemplo, um SD para Roger, qual seja, uma resposta da Célia sugerindo, por ex., que poderiam fazer um programa à noite. Ao responder “boa idéia”, Roger consequencia com um reforço positivo condicionado a resposta de sugerir um programa e emite um SD para o 4º elo. O convite de Célia para o programa, além de ser SD para a resposta de aceitar, é também uma  $S^{r+}$  para a resposta de ter ligado para ela (convém lembrar que qualquer SD tem, adicionalmente, a função de reforço positivo condicionado).

#### 4º elo

Roger combina com Célia de ir à noite ao cinema e depois comer uma pizza.

**N:** eventos comportamentais operantes públicos sociais: combinar de ir ao cinema e de ir comer pizza.

**F:** a. o comportamento de combinar... tem função de reforço positivo condicionado para o convite da Célia. Neste caso, Roger reforçou o comportamento *dela*? Sim. Mas, por sua vez, o convite dela ocorreu como consequência do telefonema de Roger. Aqui cabe, então, um comentário adicional:

1. Roger telefona para Célia (R) e ela o convida para saírem à noite ( $S^{r+}$ ).
2. Roger telefona para Célia (R), ela o convida para saírem à noite ( $S^{r+}$  para a resposta de telefonar de Roger e SD para o próximo passo, qual seja saírem...) e Roger a convida para irem ao cinema e comerem uma pizza ( $S^{r+}$  para o comportamento de convidar feito pela Célia).

Estão aí duas maneiras de apresentar o fenômeno comportamental. A primeira está correta, mas falta algo... A segunda dá conta de um episódio compreensível – tem

começo e desfecho – e torna mais clara e completa a compreensão da interação entre Roger e Célia. Esta segunda forma ainda é incompleta, uma vez que poderia incluir mais detalhes; no entanto, torna-se *funcionalmente* apropriada e suficiente para o objetivo de ter acesso à relação entre os dois. (Na primeira versão, não saberíamos como Roger teria reagido ao convite...). Devemos, então, avançar o detalhamento de análise até atingir o que chamo de *unidade funcional relevante*.

b. o comportamento de combinar... tem, adicionalmente, função de SD para o 5º elo.

### 5º elo

Roger imagina que terá uma noite agradável com Célia: Vê-se segurando a mão dela; pensa que gostaria de ter uma família com ela no futuro...

**N:** eventos comportamentais operantes encobertos: imaginar uma noite agradável, ver na ausência do evento visto, (segurando a mão...), pensar que gostaria de ter uma família com ela.

**F:** a. os operantes encobertos têm função de estímulo reforçador condicionado para o elo anterior. Pensamentos, imagem, fantasias etc. podem ter função reforçadora positiva. Tal função é adquirida através de condicionamento operante. Assim, a emissão do comportamento de segurar a mão de Célia produz contacto físico tátil reforçador positivo (e, possivelmente, outros reforços provindos de Célia); nomear Célia num encontro à noite é ocasião para a emissão de vários comportamentos, os quais produzem reforços positivos; viver em família é uma expressão que sintetiza interações comportamentais que produzem reforços positivos recíprocos entre pessoas que se querem bem... Após tais classes de comportamentos operantes *públicos* estarem bem fortalecidas, é possível à pessoa imaginar, lembrar-se de, pensar, em suma emitir comportamentos operantes encobertos *da mesma classe* dos comportamentos operantes públicos, com a importante diferença que, são comportamentos que ocorrem na ausência do suporte ambiental, contexto na qual foram adquiridos. Skinner explicita tal condição comportamental com a conhecida frase:

“Ver na ausência do objeto visto”. Mas, deve ficar claro que ver na ausência do objeto visto, exige como pré-requisito que tenha ocorrido à emissão do comportamento de ver na *presença do objeto visto* e tal comportamento tenha sido selecionado pelas conseqüências que produziu. Pode-se, finalmente, afirmar que os comportamentos operantes encobertos adquiriram função reforçadora positiva condicionada por terem sido associadas com o reforço positivo que eles produziram. (O mesmo se pode dizer de comportamentos operantes públicos: eles também podem ter função reforçadora positiva condicionada, adquirida pelo mesmo mecanismo explicitado linhas acima.) Os operantes encobertos têm também

b. função de SD para o 6º elo.

### 6º elo

Roger sai à noite com Célia, conversa com ela, assiste a um filme, jantam juntos, sente que a ama, pensa que namora uma pessoa muito especial, faz-lhe carinhos.

- N:** eventos comportamentais operantes públicos sociais e encobertos: sair com Célia, conversar com ela, assistir ao filme, jantar com ela, sentir que a ama, pensar que namora..., fazer carinho.
- F:** a. os comportamentos de interação com Célia produzem consequências imediatas para o Roger com funções gratificante (daí ele sente-se bem) e reforçadora (como resultado são fortalecidos os comportamentos que compõem o programa). Têm também
- b. função de reforço positivo condicionado para o elo anterior e, adicionalmente, função de SD para o 7º elo.

### 7º elo (fim arbitrário do encadeamento)

Célia conversa com Roger, diz-lhe que o ama, faz-lhe carinhos.

- N:** eventos comportamentais operantes públicos sociais: conversar com Roger, dizer-lhe que o ama, fazer-lhe carinhos.
- F:** os comportamentos da Célia têm função gratificante e reforçadora para Roger.

O que mantém todo o encadeamento? Neste exemplo, pode-se dizer que foram as consequências reforçadoras que os comportamentos de Roger produziram nas interações com Célia, ou seja, as *consequências reforçadoras positivas sociais* vindas dela e não os comportamentos dele. Voltando, portanto, à frase inicial deste texto, pode-se acrescentar que comportamentos são *selecionados* (não causados) *pelas consequências que produzem*, sejam elas físicas ou sociais, arbitrárias ou naturais. O que selecionou os elos do encadeamento e manteve a cadeia foram os *comportamentos* da Célia, que tiveram para Roger a função de reforço positivo condicionado em vários elos da cadeia, em particular no 7º elo. Foram os comportamentos do *outro*, neste caso os comportamentos da Célia, que se caracterizam como eventos ambientais sociais externos à pessoa que se comporta, Roger, neste exemplo. A frase “comportamento não causa comportamento”, portanto, deve se limitar a evidência de que o comportamento de uma pessoa (pensar, por ex.) *não causa* outro comportamento da *mesma pessoa* (telefonar, por ex.). Por outro lado, comportamentos de uma pessoa podem selecionar e manter comportamentos de *outra pessoa*, desde que tenham funções de estímulos reforçadores. Os comportamentos de uma pessoa, enfim, podem ter a função do ambiente (externo e social) para os comportamentos de outra pessoa!

Pode-se insistir, porém, na questão central de que trata este texto: mas, um comportamento de uma pessoa, pode ser causa de outro comportamento da *mesma* pessoa? A resposta é não: o comportamento de uma pessoa pode ter função de  $S^D$ ,  $S^A$ ,  $S^{pré-av}$ ,  $S^{Dpun}$ ,  $S^{av}$  para outro comportamento da mesma pessoa, mas tais funções são adquiridas durante a história de contingências da pessoa em função das consequências que tais comportamentos produziram no meio físico ou social dela e tais funções são mantidas (ou, possivelmente, alteradas) em função das consequências que tais comportamentos vêm produzindo no ambiente físico ou social dela. A *causa* (se houver

interesse em manter o termo) é a *conseqüência selecionadora do ambiente* produzida pelo comportamento de interesse.

Em suma:

1. Comportamento de dada pessoa não é causa de comportamento da mesma pessoa. O fato de um evento (comportamental) seguir-se a (vir temporalmente *depois* de) outro evento (comportamental) não significa que o primeiro causou o segundo.
2. O comportamento de uma pessoa pode influenciar o comportamento de outra, desde que tenha função-estímulo. Assim, pode ter função de SD que evoca comportamentos discriminativos no outro (ou de  $S\Delta$ ); pode ter função de S pré-aversivo que evoca comportamentos de fuga-esquiva etc. Pode ter, ainda, função de selecionar comportamentos que o produzem:  $S^{r+}$  que fortalece comportamentos ou S aversivo que enfraquece comportamentos.
3. Os comportamentos de uma pessoa podem ter função de SDs, de S pré-aversivo, de  $S^{r+}$ , de S aversivo para outros comportamentos da *mesma* pessoa, desde que todas essas funções sejam *estabelecidas e mantidas* por eventos sociais ou naturais do ambiente externo à pessoa que se comporta.

Assim sendo, a resposta à questão sobre as funções de estímulo que os comportamentos podem ter é afirmativa. Um comportamento pode ter funções de estímulo sim, mas da maneira exposta no exemplo e sublinhando que todas as funções são adquiridas e mantidas pela consequência final do encadeamento, a qual convém repetir, é um *evento ambiental* de natureza social ou física e externo à pessoa que se comporta. Se Célia não emitisse os comportamentos apresentados no exemplo, o encadeamento não se manteria e os comportamentos de Roger entrariam em extinção, bem como as funções de estímulo que foram apontadas.

Obs: A conclusão ficará mais clara se alguém se perguntar o que ocorreria com o encadeamento comportamental de um sujeito experimental (privado de água, que na presença do SD luz pressiona a barra e produz água), a partir do momento em que a água não fosse mais liberada. A luz perderia função de SD, a barra deixaria de ser um SD para pressioná-la, o som da barra não teria função de  $S^{r+}$  etc. e o encadeamento de respostas se enfraqueceria e deixaria de ser emitido. Um lembrete final: o SD *não causa* o comportamento de pressionar a barra. Diante do SD, o comportamento é *evocado* (aumenta-se a probabilidade de vir a ser emitido) e poderá ocorrer ou não, em função da interação de múltiplos determinantes, tais como intensidade da operação motivacional (maior ou menor privação), esquema de reforçamento vigente sob a presença do SD (esquema de reforçamento contínuo, razão fixa elevada etc.), natureza do reforço (água, leite açucarado etc.), custo da resposta de pressão à barra (mais leve ou mais pesada; mais baixa ou mais alta) etc.